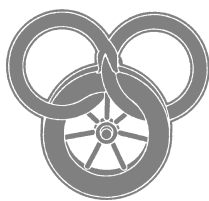


O OLHO DO MUNDO

ROBERT JORDAN

O OLHO DO MUNDO

Livro Um
Série A Roda do Tempo



Tradução de:
Catarina Rocha Lima



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2019



CAPÍTULO UM

Uma Estrada Deserta

A Roda do Tempo gira e as eras vêm e vão e deixam recordações que se transformam em lenda. A lenda dissipa-se, torna-se mito, e até o mito é esquecido, muito antes que a era que o fez nascer regresse novamente. Numa era que alguns chamaram a Terceira, uma era que há de vir, uma era que passou há muito, começou a levantar-se um vento nas montanhas da Bruma. Esse vento não foi o início pois não existem princípios nem fins no eterno girar da Roda do Tempo. Mas foi *um* início.

Nascido sob os picos tocados pelas sempiternas nuvens que deram o seu nome às montanhas, o vento soprou para leste, atravessando as colinas de Areia, outrora praias de um grande oceano, numa época anterior à Rutura do Mundo. Seguiu o seu rumo até Dois Rios, penetrando na emaranhada floresta chamada Bosque de Oeste, e atingiu dois homens que caminhavam ao lado de uma carroça e um cavalo por um trilho semeado de pedras, denominado Estrada da Pedreira. Apesar de a primavera dever ter chegado um mês antes, o ar achava-se carregado de um frio que parecia prenunciar um nevão.

As rajadas colaram a capa de Rand al'Thor às suas costas, enrolaram a lã, de cor da terra, em volta das pernas e fizeram-na adejar, atrás de si. Desejou que a capa fosse mais pesada ou que tivesse vestido mais uma camisa. Na maioria das vezes em que tentava puxar a capa para a apertar à sua volta, ela prendia-se ao carcás, que lhe balouçava sobre a anca. De nada lhe servia segurar na capa com uma mão, porque na outra tinha o arco munido de uma flecha pronta a ser lançada.

Quando uma rajada particularmente forte lhe tirou a capa da mão, olhou de relance para o pai, por cima do lombo da égua castanha, de pelagem comprida. Era uma tolice querer certificar-se de que Tam se achava ali, mas era um daqueles dias. Quando se levantava, o vento rugia, mas salvo isso, reinava o mais pesado silêncio no campo e o leve ranger do eixo, em comparação, pareceu soar ruidosamente. Nenhum pássaro cantava na floresta,

nenhum esquilo saltitava nos ramos. Não é que esperasse vê-los; naquela primavera, não.

Somente as árvores que haviam mantido as suas folhas ou agulhas durante o inverno mostravam alguma verdura. Os ramos emaranhados dos silvedos do ano anterior estendiam uma rede castanha sobre os afloramentos de pedra, debaixo das árvores. As urtigas eram as plantas mais numerosas entre as poucas ervas daninhas; o resto era composto por várias espécies de cardos com espinhos afiados ou de eruca, que deixavam um cheiro fétido nas botas de quem imprudentemente as pisasse. Os amontoados de neve, dispersos aqui e ali, pontilhavam ainda a terra, onde maciços apertados de árvores mantinham uma sombra profunda. Onde conseguia passar, a luz do Sol não tinha força nem calor. O Sol pálido pairava por cima das árvores, a leste, mas a sua luz era decididamente lúgubre, como se estivesse misturada com a sombra. Era uma manhã incômoda, propícia a pensamentos desagradáveis.

Sem pensar, tocou no entalhe da flecha; estava pronto a puxá-la até lhe tocar a face, num movimento suave, tal como Tam lhe ensinara. O inverno havia sido muito rigoroso nas fazendas, pior do que aqueles que os mais velhos recordavam, mas o rigor invernal devia ser pior nas montanhas, a julgar pelo número de lobos que desciam até Dois Rios. Os lobos atacavam os rebanhos de ovelhas e roíam as portas dos celeiros para se lançar sobre o gado e os cavalos. Os ursos também perseguiam os cordeiros, em locais onde não eram vistos havia muitos anos. Deixara de ser seguro expor-se à intempérie depois do anoitecer, pois os homens eram presas tão fáceis como os cordeiros, e, por vezes, isso acontecia até mesmo antes do pôr do sol.

Tam caminhava, em grandes passadas, do outro lado de *Bela*; usava a sua lança como um bastão, ignorando o vento que lhe fazia a capa castanha flutuar como uma bandeira. De quando em vez, tocava levemente no flanco da égua, para lhe lembrar que tinha de continuar a avançar. Com o seu tronco grosso e rosto largo, era uma coluna da realidade, naquela manhã, como uma pedra no meio de um sonho flutuante. Apesar das rugas que lhe vincavam as faces tismadas pelo sol e dos poucos fios pretos que se distinguiam no cabelo grisalho, dele emanava grande solidez, como se uma inundação pudesse correr em seu redor sem lhe desenraizar os pés do chão. Agora, caminhava pela estrada com passo firme, impassível. Havia que estar atento a lobos e ursos, predadores que todo o homem que criasse carneiros devia ter em conta, mas, para os lobos, era melhor não tentarem impedir Tam al'Thor de chegar a Campo de Emond.

Com um sobressalto de culpa, Rand voltou a prestar atenção ao seu lado da estrada, chamado a essa obrigação pela atitude prosaica de Tam. Era uma cabeça mais alto do que o pai, mais alto do que qualquer outro habitante da

região, e herdara pouco de Tam fisicamente, exceto, talvez a largura de ombros. Os olhos cinzentos e os reflexos arruivados dos cabelos vinham da mãe, segundo dizia Tam. Ela não era daquelas terras, e Rand apenas se lembrava do seu rosto sorridente, apesar de lhe depositar flores na sepultura, todos os anos, no Bel Tine, na primavera, e no Dia Solar, no verão.

Duas pipas de aguardente de maçã descansavam na carroça aos solavancos, bem como oito barris de sidra, ligeiramente alcoólica, após um inverno de envelhecimento. Tam entregava, todos os anos, a mesma quantidade na Estalagem da Fonte de Vinho para consumo durante o Bel Tine. Havia declarado que nem os lobos nem o vento glacial o impediriam de fazê-lo naquela primavera. Além do mais, não iam à aldeia havia semanas. Nem mesmo Tam viajava muito nos tempos que corriam. Contudo, havia dado a sua palavra em relação à aguardente e à sidra, mesmo que tivesse esperado até à véspera do Festival para fazer a entrega. Manter a palavra de honra era importante para Tam. Quanto a Rand, estava contente por sair da quinta, quase tão contente como com a aproximação do Bel Tine.

Enquanto Rand vigiava o seu lado da estrada, cresceu nele a sensação de estar a ser observado. Tentou livrar-se daquela sensação. Nada se movia ou emitia um som entre as árvores, exceto o vento. No entanto, a sensação não só persistiu como se tornou mais forte. Os pelos dos braços eriçaram-se; sentia um formigueiro na pele como se a comichão viesse do interior do corpo.

Mudou o arco de posição, irritado, para esfregar os braços, enquanto dizia a si próprio que tinha de parar de dar asas à imaginação. Não havia nada no bosque, do seu lado da estrada, e Tam tê-lo-ia alertado se tivesse visto algo no outro. Olhou por cima do ombro... e pestanejou. A pouco mais de vinte palmos de distância, uma silhueta envolta numa capa cavalgava atrás deles, cavalo e cavaleiro igualmente negros, sombrios e sem brilho.

Foi mais por hábito do que por qualquer outra coisa que continuou a andar, junto à carroça, enquanto observava.

A capa do cavaleiro cobria-o até à dobra das botas e o capuz estava tão puxado para a frente que não se lhe via o rosto. Rand pensou vagamente que havia algo de estranho no cavaleiro, mas era a abertura sombreada do capuz que o fascinava. Só podia ver os contornos vagos de um rosto, mas tinha a impressão de que o seu olhar se fixava diretamente nos olhos do cavaleiro. E não podia desviar os seus. Sentiu náuseas no estômago. Apenas conseguia vislumbrar a sombra por entre o capuz, e, no entanto, detetava muito fortemente o ódio, como se visse um rosto desfigurado por esse sentimento. Era um ódio por tudo o que estava vivo. Acima de tudo, ódio por ele.

Abruptamente, uma pedra travou-lhe o passo e ele tropeçou, afastando o olhar do sombrio cavaleiro. O seu arco tombou no solo, e ele só não caiu de costas porque se agarrou com uma mão aos arreios de *Bela*. A égua parou, com um resfolegar de surpresa, e virou a cabeça para ver o que a detivera.

Tam franziu as sobrancelhas, fitando-o por cima do lombo de *Bela*.

— Está tudo bem, rapaz?

— Um cavaleiro — disse Rand ofegante, endireitando-se. — Um desconhecido que nos persegue.

— Onde? — O velho Tam levantou a lança e perscrutou em seu redor, prudentemente.

— Ali, por baixo de...

As palavras de Rand interromperam-se, quando se virou para estender o dedo. Atrás deles, a estrada estava deserta. Incrédulo, inspecionou a floresta, de ambos os lados da estrada. Os ramos desnudados das árvores não ofereciam nenhum esconderijo, mas não havia rasto nem do cavalo nem do cavaleiro. Os seus olhos depararam com a muda pergunta no rosto do pai.

— Ele estava ali. Era um homem com uma capa preta, montado num cavalo preto.

— Não duvido da tua palavra, rapaz, mas para onde terá ido?

— Não sei, mas estava ali. — Apanhou apressadamente o arco e a flecha, verificou a flecha antes de voltar a encaixá-la no entalhe e dobrou o arco antes de distender de novo a corda. Não havia nada a visar. — Estava ali.

Tam sacudiu a cabeça grisalha.

— Se o dizes, rapaz. Anda, vamos. Um cavalo deixa marcas dos seus cascos, até mesmo neste solo rochoso. — Dirigiu-se para a parte traseira da carroça, enquanto a sua capa esvoaçava ao vento. — Se as encontrarmos, teremos a certeza de que estava ali. Se não as encontrarmos... Bom, nestes dias é fácil um homem pensar que está a ver coisas.

Subitamente, Rand percebeu o que havia de estranho no cavaleiro, além da sua presença naquele lugar. O vento que os fustigava, a ele e a Tam, não levantara uma só prega daquela capa preta. Sentiu a boca seca, de súbito. Devia ser fruto da sua imaginação. O pai tinha razão; era uma manhã propícia a estimular a imaginação de um homem. No entanto, não estava convencido. Mas como ia dizer ao pai que o homem que aparentemente se desvanecera no ar usava uma capa que o vento não levantava?

Com o sobrolho carregado, perscrutou as árvores que os rodeavam. Pareciam-lhe diferentes do que eram antes. Praticamente desde que começara a dar os primeiros passos, habituara-se a correr em liberdade pela floresta. Fora nas lagoas e nos córregos do Bosque de Água, situado para lá das últimas quintas a leste de Campo de Emond, que aprendera a nadar. Havia

explorado o terreno até às colinas de Areia — que, segundo o que diziam muitos habitantes de Dois Rios, davam má sorte — e, certa vez, fora mesmo até à base das montanhas da Bruma, com os seus melhores amigos, Mat Cauthon e Perrin Aybara. Era muito mais longe do que a maioria dos habitantes de Campo de Emond alguma vez havia ido; para eles, uma viagem até à aldeia mais próxima, até à colina da Vigia ou até Vereda de Deven, era um grande acontecimento. E em nenhum desses locais sentira medo. Hoje, contudo, o Bosque de Oeste não era o local que ele recordava. Um homem que podia desaparecer tão subitamente podia reaparecer, de repente, talvez mesmo ao lado deles.

— Não, pai, não é preciso. — Como Tam parou, surpreendido, Rand cobriu o seu rubor, levantando o capuz da capa. — Provavelmente tem razão. É inútil perder tempo à procura do que não existe, quando podemos aproveitá-lo para chegar à aldeia e nos pormos ao abrigo deste vento.

— Não dizia que não a um cachimbo — disse Tam lentamente —, e a uma caneca de cerveja num local quente. — Abruptamente, o seu rosto rasgou-se num sorriso largo. — E calculo que estejas ansioso por ver Egwene.

Rand forçou-se a esboçar um sorriso fraco. De todas as coisas em que podia querer pensar, a filha do alcaide estava no fim da lista. Não precisava de mais confusão. No ano anterior, havia-o deixado cada vez mais nervoso, sempre que estavam juntos. Pior ainda, ela nem sequer se apercebera disso. Não, definitivamente não queria acrescentar Egwene aos seus pensamentos.

Fazia votos que o pai não tivesse reparado que ele estava com medo, quando Tam disse:

— Lembra-te da chama, rapaz, e do vazio.

Era uma coisa singular que Tam lhe tinha ensinado.

— Concentra-te numa única chama e alimenta-a com todas as tuas paixões... o medo, o ódio, a ira... até a tua mente se esvaziar. — Unifica-te com o vazio — dissera Tam — e poderás fazer qualquer coisa. — Mais ninguém em Campo de Emond falava daquela maneira, mas Tam vencia a competição de tiro ao arco, no Bel Tine, todos os anos, com a sua chama e o seu vazio. Rand julgava que podia ter hipóteses de ficar nos primeiros lugares, se conseguisse alcançar o vazio. Para que Tam trouxesse à baila aquele ensinamento, agora, significava que *havia reparado*, embora não tivesse dito nada acerca do homem da capa preta.

Com um estalido da língua, Tam pôs *Bela* novamente em movimento, e retomaram a viagem, com o homem mais velho a caminhar, com passadas largas, como se nada de desagradável tivesse acontecido nem pudesse acontecer. Rand desejou poder imitá-lo. Tentou esvaziar a mente, mas, a cada tentativa, esta enchia-se com as imagens do cavaleiro de capa preta.

Queria acreditar que Tam tinha razão, que o cavaleiro não passara de fruto da sua imaginação, mas lembrava-se bem de mais daquele sentimento de ódio. Estivera *ali* alguém. E esse alguém queria-lhe mal. Rand não parou de olhar para trás, até se ver rodeado pelos telhados pontiagudos, de colmo, de Campo de Emond.

A aldeia ficava perto do Bosque de Oeste; a floresta tornava-se gradualmente menos densa; as poucas últimas árvores cresciam praticamente entre as sólidas casas de madeira. A leste, o terreno descia num suave declive. Apesar de haver algum arvoredo aqui e ali, as quintas, os campos bordejados de vedações e os pastos formavam retalhos, como numa colcha, até ao Bosque de Água, com o seu emaranhado de riachos e lagos. A terra, a oeste, era igualmente fértil, e os pastos, luxuriantes, na maior parte dos anos, mas apenas se podia encontrar um punhado de quintas no Bosque de Oeste. E mesmo essas poucas quintas ficavam reduzidas a zero perto das colinas de Areia e, consequentemente, das montanhas da Bruma, que surgiam por cima das copas das árvores do Bosque de Oeste, distantes, mas nitidamente visíveis de Campo de Emond. Uns diziam que a terra era demasiado rochosa, como se não houvesse rochas por toda a parte em Dois Rios, e outros afirmavam que era terra de má sorte. Havia quem murmurasse que não era sensato alguém aproximar-se das montanhas mais do que o necessário. Fossem quais fossem as razões, apenas os homens mais destemidos cultivavam no Bosque de Oeste.

As crianças e os cães correram em torno da carroça, numa grande algazarra, assim que esta passou em frente da primeira fileira de casas. *Bela* avançou pacientemente, ignorando os gritos dos petizes que saltitavam à sua volta, brincando à apanhada ou fazendo rolar arcos. Nos últimos meses, as crianças haviam rido e brincado pouco; mesmo quando o tempo se suavizara suficientemente para lhes permitir sair, o medo dos lobos mantivera-as fechadas em casa. Parecia que a aproximação do Bel Tine voltara a ensiná-las a brincar.

O Festival também havia produzido efeito nos adultos. Os taipais escancararam-se e, em quase todas as casas, havia mulheres à janela, com o avental atado à volta da cintura e os cabelos presos em tranças, escondidos por baixo de um lenço, a sacudir lençóis ou a arejar colchões. Quer as folhas tivessem aparecido ou não nas árvores, nenhuma dona de casa deixaria chegar o Bel Tine sem antes terminar a sua limpeza da primavera. Em todos os pátios, viam-se tapetes pendurados em cordas esticadas, e as crianças que não tinham sido suficientemente rápidas para se esquivar e ir brincar para a rua davam azo à sua frustração, desempoeirando os tapetes com batedores de vime. Telhado após telhado, os donos das casas verificavam o colmo para ver se os danos causados pelo inverno implicavam chamar o velho Cenn Buie, o telhador.

Por mais de uma vez, Tam parou para manter breve conversação com alguns homens. Uma vez que ele e Rand não haviam saído da quinta durante semanas, todos queriam saber como estavam as coisas por aquelas paragens. Poucos homens do Bosque de Oeste tinham ido à aldeia. Tam falou dos danos provocados pelas tempestades de inverno, cada uma pior do que a anterior, dos cordeiros nados-mortos, dos campos acastanhados onde deviam estar a crescer as colheitas e os pastos, dos corvos que voavam, em bandos, para locais onde, em anos anteriores, haviam migrado aves canoras. Uma conversa deprimente, no meio dos preparativos para o Bel Tine, e muitos meneios de cabeça. Era a mesma coisa em toda a parte.

A maioria dos homens encolhia os ombros e dizia:

— Bom, havemos de sobreviver, se a Luz o quiser. — Outros sorriam e acrescentavam: — E se a Luz não quiser, havemos de sobreviver na mesma.

Aquela era a maneira de ser da maioria dos nativos de Dois Rios. Pessoas que eram forçadas a ver o granizo destruir as suas colheitas ou os lobos levar-lhes os cordeiros, e recomeçar do zero, sempre que necessário, não desanimando facilmente. A maioria daqueles que tinham desanimado partira já, havia muito.

Tam não teria parado para falar com Wit Congar se este não tivesse saído para a rua, intempestivamente, obrigando-os a estacar para que *Bela* não o espezinhasse. Os Congar e os Coplin — as duas famílias tinham casado entre elas tantas vezes que ninguém sabia ao certo onde começava uma e acabava a outra — eram conhecidos como zaragateiros, desde a colina da Vigia a Vereda de Deven e talvez até Cais de Taren.

— Tenho de entregar isto a Bran al’Vere, Wit — disse Tam, indicando, com um movimento de cabeça, os barris na carroça, mas o homem escanzelado não se mexeu, com uma expressão carrancuda no rosto. Deixara-se refastelado nos degraus que davam para a sua casa em vez de reparar o telhado, embora o colmo parecesse precisar da atenção de mestre Buie. Nunca parecia preparado para recomeçar algo nem para terminar o que começara. A maioria dos Coplin e dos Congar era assim, quando não era ainda pior.

— Que vamos fazer a propósito de Nynaeve, al’Thor? — perguntou Congar. — Não podemos ter uma Sabedoria daquele género em Campo de Emond.

Tam suspirou pesadamente.

— Isso não nos diz respeito, Wit. A Sabedoria é um assunto de mulheres.

— Pois é melhor fazermos alguma coisa, al’Thor. Ela disse que teríamos um inverno ameno e uma boa colheita. Agora, porém, vai perguntar-lhe o que ela escuta no vento... Limitar-se-á a fitar-te, com má cara, e a ir-se embora.

— Se lhe fizeste a pergunta do modo que costumás fazer, Wit — disse Tam pacientemente —, tiveste sorte por ela não te ter batido com a vara que traz consigo. Agora, se não te importas, esta aguardante...

— Nynaeve al'Meara é demasiado nova para ser a Sabedoria, al'Thor. Se o Círculo das Mulheres não fizer nada, então terá de ser o Conselho da Aldeia.

— Em que é que a Sabedoria te diz respeito, Wit Congar? — rugiu uma voz feminina. Wit estremeceu, enquanto a sua mulher saía de casa. Daise Congar era duas vezes mais corpulenta do que Wit, uma mulher de rosto severo e com um corpo sem um grama de gordura. Com as mãos nas ancas, lançou um olhar furioso ao marido. — Tenta interferir nos assuntos do Círculo das Mulheres, que logo verás se gostas de fazer a tua própria comida, a qual não prepararás na minha cozinha. E se gostas de lavar a tua própria roupa e de fazer a tua cama, que não ficará debaixo do meu teto.

— Mas, Daise — lamentou-se Wit —, eu só estava...

— Se me dás licença, Daise — interveio Tam. — Wit. Que a Luz os ilumine.

Pôs *Bela* novamente a passo, desviando-a do indivíduo magricela. A atenção de Daise estava, toda ela, concentrada no marido, mas podia, a qualquer instante, aperceber-se de quem estivera a falar com ele.

Fora essa a razão pela qual não tinham aceitado nenhum dos convites para comer alguma coisa ou para tomar uma bebida quente. Quando viam Tam, as mulheres de Campo de Emond pareciam cães de caça que avistavam um coelho. Não havia nenhuma que não conhecesse a esposa perfeita para um viúvo com uma boa quinta, mesmo que estivesse situada no Bosque de Oeste.

Rand afastou-se quase tão apressadamente quanto Tam, talvez até mesmo mais depressa. Por vezes, era encurralado, quando Tam não estava por perto, e não podia escapar, sem passar por malcriado. Acabava sentado num tamborete, junto ao lume da cozinha, a comer pastéis, bolos de mel ou tartes de carne. E, de cada vez, os olhos da dona de casa mediam-no e pesavam-no com a mesma exatidão das balanças e das fitas de medição de um comerciante, enquanto ela lhe dizia que a sua comida não era tão boa como a da irmã recentemente viúva ou da sua prima direita. Tam não ia para novo, declarava então. Era bonito saber que amara tanto a esposa — um bom presságio para a próxima mulher na sua vida —, mas o seu luto já durara o suficiente. Tam precisava de uma boa mulher. Era um facto inegável, acrescentava a dona de casa, que um homem não podia viver sem uma mulher que cuidasse dele e o impedisse de fazer disparates — ou qualquer coisa parecida. As piores de todas, chegadas àquele ponto da conversa, faziam uma

pausa, pensativas, e perguntavam, com ar sabiamente inocente, que idade tinha Tam.

Tal como a maioria dos nativos de Dois Rios, Rand era teimoso. Aliás, por vezes, os forasteiros diziam que era a principal característica do povo de Dois Rios, e que os naturais da região poderiam dar aulas às mulas e ensinar as pedras. Essas donas de casa eram mulheres com valor, cheias de boas intenções, na sua maior parte, mas detestava que o forçassem a fazer alguma coisa e tinha a sensação de que o espicaçavam com uma vara. Por isso, Rand caminhou rapidamente, desejando que Tam estugasse o passo de *Bela*.

A rua não tardou a desembocar no Prado Comum, uma vasta extensão no centro da aldeia. Geralmente coberto com relva espessa, o Prado, naquela primavera, mostrava apenas algumas manchas verdes por entre o castanho-amarelado da relva ressequida e o preto da terra nua. Dois pequenos bandos de gansos bambolevam-se, fixando o solo com os seus olhos mas sem encontrar algo para debicar, e alguém atara uma vaca leiteira a uma vara para que pastasse entre alguns esparsos rebentos.

Na extremidade oeste do Prado, a Fonte de Vinho brotava de um afloramento de pedra com um fluxo que nunca diminuía, suficientemente forte para derrubar um homem, e suficientemente fresco e delicado para justificar o seu nome uma dúzia de vezes. Desde a nascente, o rio da Fonte de Vinho ia-se alargando para leste com salgueiros ao longo das margens, até ao moinho de mestre Thane e mais para diante, até se dividir em dúzias de córregos nas profundezas pantanosas do Bosque de Água. Duas pontes baixas, guarnecidas de parapeitos, atravessavam o rio cristalino no Prado, assim como uma ponte, mais larga do que as outras e suficientemente sólida para suportar o peso das carroças. A Ponte das Carroças marcava o ponto onde a Estrada do Norte, que descia desde Cais de Taren e da colina da Vigia, se transformava na Estrada Velha, que conduzia a Vereda de Deven. Por vezes, forasteiros achavam engraçado que a estrada tivesse um nome a norte e outro a sul, mas sempre fora assim, tanto quanto o sabia qualquer nativo de Campo de Emond, e assim continuaria a ser. Era uma razão suficientemente válida para as gentes de Dois Rios.

Do outro lado das pontes, já se construíam os montículos para as fogueiras do Bel Tine, três pilhas de troncos quase tão altas como casas. Tinham de estar numa clareira de terra batida e não no Prado, por mais escassa que fosse a relva. No Festival, o que não tomava lugar em volta da fogueira era celebrado no Prado.

Perto da Fonte de Vinho, um grupo de mulheres mais velhas cantava suavemente enquanto erigiam o Mastro da Primavera. Despojado dos seus ramos, o tronco reto e delgado de um abeto elevava-se a três metros de altura,

mesmo depois de enterrado no buraco que elas haviam escavado para o efeito. Algumas raparigas, demasiado novas para entrançar o cabelo, estavam sentadas com as pernas cruzadas, e assistiam com inveja, enquanto cantarolavam trechos das canções entoadas pelas mulheres mais velhas.

Tam instigou *Bela* como se quisesse fazê-la andar mais depressa, mas a égua ignorou-o, e Rand manteve os olhos cuidadosamente afastados das atividades das mulheres. Na manhã seguinte, os homens fingiriam mostrar-se surpreendidos ao encontrar o Mastro; depois, ao meio-dia, as mulheres solteiras dançariam em volta dele, enrolando nele longas fitas coloridas, ao som dos cantares dos homens solteiros. Ninguém sabia quando ou porque começara aquele costume — era outra coisa que se fazia desde sempre —, mas era uma desculpa para cantar e dançar, e ninguém em Dois Rios precisava de mais desculpas para o fazer.

O dia inteiro do Bel Tine era dedicado a cânticos, danças e festejos, à parte as corridas a pé e as competições de quase tudo. Eram atribuídos prémios, não só para a competição de tiro ao arco, mas também para o melhor no arremesso de funda e no jogo do pau. Haveria concursos de adivinhas e enigmas, competições de tração à corda e de lançamento de pesos, prémios para o melhor cantor, o melhor dançarino e o melhor violinista, para quem tosquiasse mais depressa um carneiro e para os melhores jogadores de boliche e de dardos.

O Bel Tine era uma festa que devia ser celebrada quando a primavera chegava de vez, quando nasciam os primeiros cordeiros e as colheitas já estavam crescidas. Apesar do frio que ainda se fazia sentir, ninguém pensara em adiar a festividade. Todos queriam cantar e dançar um pouco. E, acima de tudo, a acreditar nos boatos, haveria fogo de artifício no Prado — desde que o primeiro vendedor ambulante do ano chegasse a tempo, claro. Isso fora objeto de inúmeras conversas; haviam-se passado dez anos desde o último fogo de artifício e ainda se falava disso. A Estalagem da Fonte de Vinho achava-se situada na extremidade leste do Prado, quase dentro da Ponte das Carroças. O primeiro andar da estalagem era de pedra do rio, embora as fundações fossem de uma rocha mais antiga, que, segundo alguns, provinha das montanhas. As paredes caiadas do segundo andar — em cuja parte traseira Brandelwyn al’Vere, o estalajadeiro e alcaide de Campo de Emond nos últimos vinte anos, vivia com a mulher e as filhas — sobressaíam, por cima do piso térreo, a toda a volta do edifício. As telhas vermelhas do telhado, único do género na aldeia, resplandeciam à pálida luz do Sol e o fumo saía de três das doze chaminés altas.

Na extremidade sul da estalagem, longe do rio, estendiam-se os restos de um edifício muito mais vasto, que fizera parte da estalagem noutros

tempos — ou assim constava. Agora, um enorme carvalho crescia no centro, com um tronco de trinta passos de circunferência e ramos tão grossos quanto os braços de um homem. No verão, Bran al’Vere punha mesas e bancos sob aqueles ramos, repletos de folhas, cuja sombra permitia aos habitantes da aldeia desfrutar de uma bebida e de uma brisa fresca, enquanto conversavam ou jogavam um qualquer jogo num tabuleiro instalado para o efeito.

— Aqui estamos, rapaz. — Tam estendeu o braço para o cabresto de *Bela*, mas a égua já parara em frente da estalagem, antes que a mão de Tam tocasse no couro. — Ela conhece o caminho melhor do que eu — riu-se ele.

Quando cessou o último ranger do eixo das rodas, Bran al’Vere apareceu à porta da estalagem, dando como sempre a impressão de andar com demasiada ligeireza para um homem de tal corpulência, quase o dobro da de qualquer outro aldeão. Um sorriso abriu-se no seu rosto redondo, coberto por uma franja escassa de cabelo grisalho. O estalajadeiro estava em mangas de camisa, apesar do frio, com um avental branco imaculado à volta da cintura. Pendia-lhe sobre o peito um medalhão de prata com a forma de um conjunto de balanças.

O medalhão, tal como o verdadeiro conjunto de balanças usadas para pesar as moedas dos comerciantes que vinham de Baerlon para comprar lã ou tabaco, era o símbolo do cargo de alcaide. Bran usava-o apenas para negociar com os comerciantes ou em festivais, dias festivos e casamentos. Usava-o com um dia de antecedência, mas aquela era a Noite de Inverno, a véspera do Bel Tine, em que todos visitavam os vizinhos, trocando pequenos presentes, bebendo e comendo em cada casa, ritual que durava até de madrugada.

Depois deste inverno rigoroso, pensou Rand, provavelmente considera a Noite de Inverno uma desculpa plausível para não ter de esperar até amanhã.

— Tam — gritou o alcaide, precipitando-se na direção deles. — A Luz me ilumine. Que bom é ver-te, finalmente. E a ti, Rand. Como estás, rapaz?

— Bem, mestre al’Vere — respondeu Rand. — E o senhor?

Bran, contudo, voltara a focar a sua atenção em Tam.

— Já quase começava a pensar que não ias trazer a tua aguardente este ano. Nunca esperaste até tão tarde, anteriormente.

— Não me agrada sair da quinta nos dias que correm, Bran — respondeu Tam. — Com os lobos a rondar desta maneira. Nem com este tempo.

Bran pigarreou.

— Gostava que alguém quisesse falar comigo acerca de qualquer coisa que não fosse o tempo. Todos se queixam dele, e homens que já deviam ter

juízo ficam à espera que eu melhore o tempo. Acabei de passar vinte minutos a explicar a mestra al'Donel que não posso fazer nada acerca das cegonhas. No entanto, ela esperava que eu...

Sacudiu a cabeça.

— É um mau presságio que não haja nenhum ninho de cegonha nos telhados, no Bel Tine — anunciou uma voz rouca.

Cenn Buie, tão nodoso e escuro como uma raiz velha, aproximou-se de Tam e Bran, apoiado num bastão quase tão alto como ele e igualmente retorcido. Tentou fixar em ambos os homens, ao mesmo tempo, os seus olhos pequeninos. — E atentem no que lhes digo: piores coisas virão.

— Transformaste-te num adivinho que interpreta presságios? — perguntou secamente Tam. — Ou escutas o vento, como uma Sabedoria? Já temos premonições que cheguem. Algumas delas não muito longe daqui.

— Troça, se quiseres — resmungou Cenn —, mas se não houver calor suficiente para que as colheitas brotem em breve, mais de uma adega ficará vazia antes da colheita. Talvez no próximo inverno não sobre nada com vida em Dois Rios, a não ser lobos e corvos. Isto se houver próximo inverno. Talvez ainda seja neste.

— Que queres dizer com isso? — perguntou Bran severamente.

Cenn lançou-lhes um olhar carrancudo.

— Não tenho nada de bom para dizer acerca de Nynaeve al'Meara e tu sabe-lo bem. Para começar, é demasiado nova... Mas isso não interessa. O Círculo das Mulheres parece opor-se a que o Conselho da Aldeia fale sequer dos seus assuntos, apesar de interferirem nos nossos sempre que querem, ou seja, na maior parte das vezes.

— Cenn — interrompeu-o Tam —, aonde queres chegar?

— A isto, al'Thor. Pergunta à Sabedoria quando o inverno vai terminar e ela vira-te as costas. Talvez não queira dizer-nos o que escuta no vento. Talvez o que ouça seja que o inverno não vai terminar. Talvez o inverno vá continuar até que a Roda gire e que a Era termine. Era a isto que eu queria chegar.

— Talvez os carneiros se ponham a voar — ripostou Tam, e Bran levantou os braços para o céu.

— A Luz protege-me dos tolos. Tu sentas-te no Conselho da Aldeia, Cenn, e agora andas a espalhar essa conversa de Coplin. Pois ouve bem. Já temos problemas que bastem, sem...

Um rápido puxão na manga de Rand e uma voz baixa, para ser escutada apenas pelos seus ouvidos, desviou a sua atenção da conversa dos homens mais velhos.

— Vem, Rand, enquanto eles discutem. Antes que te ponham a trabalhar.

Rand baixou os olhos e não pôde impedir-se de sorrir. Mat Cauthon estava agachado ao lado da carroça para que Tam, Bran e Cenn não o vissem, com o seu corpo seco contorcido como uma cegonha que tentasse dobrar-se ao meio.

Os olhos castanhos de Mat brilharam de malícia, como era habitual.

— Dav e eu encontrámos um grande texugo, todo irritado por ser tirado da toca. Vamos largá-lo no Prado e ficar a ver as raparigas a fugir.

O sorriso de Rand alargou-se; não lhe parecia tão divertido como um ano ou dois antes, mas Mat não parecia crescer. Deitou um olhar rápido ao pai — os três homens tinham ainda as cabeças juntas, todos a falar ao mesmo tempo — e depois baixou a sua própria voz.

— Prometi descarregar a sidra, mas posso ir ter contigo mais tarde.

Mat revirou os olhos para o céu.

— Carregar barris! Que o fogo me queime! Preferia jogar ao jogo de pedras com a minha irmã mais nova. Bom, sei de coisas melhores do que um texugo. Temos estranhos em Dois Rios. Ontem à noite...

Por um instante, Rand susteve a respiração.

— Um cavaleiro? — perguntou. — Um homem com uma capa preta, montado num cavalo preto? E a capa não se move com o vento?

Mat engoliu o sorriso e a voz tornou-se-lhe um murmúrio ainda mais rouco.

— Também o viste? Pensava que era o único. Não te rias, Rand, mas ele assustou-me.

— Não estou a rir. Também me assustou. Era capaz de jurar que me odiava, que queria matar-me.

Rand estremeceu. Até àquele dia nunca pensara que alguém quisesse matá-lo, a sério. Esse tipo de coisas nunca acontecia em Dois Rios. Uma troca de socos, talvez, ou uma luta corpo a corpo, mas nunca matar.

— Odiar, não sei, Rand, mas, de qualquer maneira, era bastante assustador. Tudo o que fez foi ficar montado no cavalo, a olhar para mim, à saída da aldeia, mas nunca tive tanto medo na minha vida. Bem, desviei o olhar apenas por um instante... não foi fácil, acredita... e, quando voltei a olhar, ele tinha desaparecido. Sangue e cinzas! Foi há três dias e é-me difícil deixar de pensar nele. Passo o tempo a olhar para trás. — Mat tentou rir-se, mas pareceu mais coaxar. — É estranho como o medo se apodera de nós. Pensamos em coisas esquisitas. Eu realmente acreditei... se bem que por um breve instante... que podia ser o Tenebroso.

Tentou rir-se novamente, mas, desta vez, nenhum som lhe saiu da boca.

Rand respirou fundo. Tanto para o lembrar a si próprio como por outra razão qualquer, recitou:

— O Tenebroso e todos os Renegados estão encerrados em Shayol Ghul, para lá da Grande Calamidade, aprisionados pelo Criador no momento da Criação, presos até ao final dos tempos. A mão do Criador protege o mundo e a Luz brilha em todos nós. — Inspirou novamente e continuou: — Além do mais, se estivesse livre, que andaria o Pastor da Noite a fazer em Dois Rios a espiar dois camponeses?

— Não sei. Só sei que o cavaleiro era maléfico. Não te rias. Era capaz de jurá-lo. Talvez fosse o Dragão.

— Estás cheio de pensamentos alegres, não estás? — resmungou Rand. — És pior que Cenn.

— A minha mãe sempre me disse que os Renegados viriam buscar-me se eu não corrigisse os meus modos. Se alguma vez vi alguém que se parecia com Ishamael ou Aginor, foi ele.

— Todas as mães assustam os filhos com os Renegados — replicou Rand secamente —, mas esse medo desaparece quando as crianças crescem. E, já agora, porque não o Homem-Sombra?

Mat lançou-lhe um olhar indignado.

— Não tive assim tanto medo desde... Não, nunca tive tanto medo, e não me importo de admiti-lo.

— Eu também não. O meu pai pensa que eu estava com medo das sombras das árvores.

Mat assentiu, com expressão sorumbática, e encostou-se à roda da carroça.

— O meu pai também. Conteí a Dav e a Elam Dowtry. Desde então, têm andado a vigiar tudo, como falcões, mas não viram nada. Agora, Elam julga que eu queria pregar-lhe uma partida. Dav pensa que se tratava de um ladrão de carneiros do Cais de Taren, ou de um ladrão de galinhas. Um ladrão de galinhas!

Seguiu-se um silêncio ofendido.

— Provavelmente, tudo não passa de uma tolice — concluiu Rand. — Talvez fosse apenas um ladrão de carneiros.

Tentou imaginá-lo, mas era como imaginar um lobo que quisesse passar pelo gato, em frente do buraco do rato.

— Bom, eu não gostei da maneira como ele me olhou. E tu também não, a julgar pelo modo como me falaste do assunto. Devíamos contar a alguém.

— Já o fizemos, Mat, os dois, e não acreditaram em nós. Consegues imaginar-te a tentar convencer mestre al'Vere acerca desse indivíduo, sem ele o ter visto? Mandar-nos-ia ter com Nynaeve para ver se estávamos doentes.

— Agora, somos dois. Ninguém pensará que o inventámos.

Rand coçou vivamente o alto da cabeça, sem saber o que dizer. Mat era bem conhecido na aldeia. Poucos se podiam gabar de ter escapado às suas partidas. O seu nome vinha sempre à baila, quando um varal caía, deixando

a roupa cheia de pó, ou quando a cilha frouxa de uma sela levava um fazendeiro a cair na estrada. Mat nem precisava de estar presente. Contar com o seu apoio era pior do que não ter ajuda.

Após algum tempo, Rand disse:

— O teu pai ia acreditar que foste tu que me levaste a pregar uma partida e o meu...

Olhou, por cima da carroça, para onde Tam, Bran e Cenn conversavam, e depararam-se-lhe os olhos do pai. O alcaide continuava a pregar um sermão a Cenn, que o ouvia agora num silêncio taciturno.

— Bom dia, Matrim — exclamou Tam alegremente, erguendo um dos barris de aguardente por cima da xelma da carroça. — Vejo que vieste ajudar Rand a descarregar a sidra. És um bom rapaz.

Mat levantou-se, de um pulo, às primeiras palavras e começou a recuar.

— Bom dia, mestre al'Thor. E um bom dia para si, mestre al'Vere. Mestre Buie. A Luz brilhe em vocês. O meu pai mandou-me...

— Claro — replicou Tam. — Sem dúvida que o fez. E, uma vez que és um rapaz que cumpre as suas tarefas diligentemente, já terias acabado. Bom, quanto mais depressa vocês levarem a sidra para a adega de mestre al'Vere, mais depressa poderão ver o jogral.

— O jogral! — exclamou Mat, parando no mesmo instante em que Rand perguntava:

— Quando chega?

Rand só se recordava de dois jograis que, em toda a sua vida, haviam ido a Dois Rios e era ainda muito novo, quando vira o primeiro, às cavalitas dos ombros de Tam. Ter um ali, durante o Bel Tine, com a harpa, a flauta, as histórias e tudo o resto... Campo de Emond ainda falaria daquele festival dali a dez anos, mesmo que não houvesse fogo de artifício.

— Que disparate! — resmungou Cenn, mas calou-se ante o olhar de Bran, que tinha nele todo o peso do cargo de alcaide.

Tam encostou-se ao flanco da carroça, servindo-se da pipa de aguardente como suporte para o braço.

— Sim, um jogral, e já chegou. De acordo com mestre al'Vere, está num quarto da estalagem, neste preciso instante.

— Chegou pela calada da noite. — O estalajadeiro sacudi a cabeça em sinal de desaprovação. — Bateu na porta de entrada até acordar toda a família. Se não fosse o festival, ter-lhe-ia dito para levar ele mesmo o cavalo até ao estábulo e que dormisse ao lado dele, fosse ou não jogral. Imaginem, aparecer na escuridão daquela maneira.

Rand olhou para o estalajadeiro, espantado. Ninguém viajava para lá da aldeia, de noite, nos tempos que corriam, e muito menos sozinho. O telhador

voltou a resmonear em voz baixa, demasiado baixa, desta vez, e Rand compreendeu apenas uma ou duas palavras. «Louco» e «anormal».

— Não usava uma capa preta? — perguntou Mat, de súbito.

A barriga de Bran foi sacudida pelas suas gargalhadas.

— Preto! A sua capa é igual à dos outros jograis que vi. Mais remendos do que capa, com mais cores do que possas imaginar.

Rand deu consigo a rir ruidosamente, um riso de puro alívio. Era ridículo pensar que o cavaleiro ameaçador, vestido de preto, fosse um jogral, mas... Tapou a boca com a mão, envergonhado.

— É que sabes, Tam — comentou Bran —, houve poucas gargalhadas nesta aldeia desde a chegada do inverno. Agora, até a capa do jogral nos faz rir. Só isso compensa a despesa de o trazer de Baerlon.

— Diz o que quiseses — interveio Cenn. — Continuo a afirmar que é um desperdício de dinheiro. Assim como esse fogo de artifício que vocês todos insistiram em mandar vir.

— Então sempre há fogo de artifício — comentou Mat, mas Cenn continuou:

— Devia ter chegado há um mês com o primeiro vendedor ambulante do ano, mas não apareceu nenhum vendedor ambulante, não é verdade? E se o fogo de artifício não chegar amanhã, o que vamos fazer? Celebrar um outro festival só para o utilizar? Isto se o vendedor ambulante o trouxer, claro.

— Cenn — suspirou Tam. — És tão desconfiado como um habitante de Cais de Taren.

— Onde está ele, então? Diz-me, al'Thor.

— Porque não nos avisou? — queixou-se Mat, num tom de voz magoado. — A aldeia inteira ter-se-ia divertido tanto, à espera do fogo de artifício, como se divertirá com o jogral. Ou quase, em todo o caso. Vejam a reação das pessoas só por causa dos boatos acerca do fogo de artifício.

— Sim, eu vi — respondeu Bran, olhando de soslaio para o telhador. — E se soubesse, ao certo, como começou esse boato... Se pensasse, por exemplo, que alguém se foi queixar do preço das coisas, num local onde pudessem ouvi-lo, quando devia ser segredo...

Cenn limpou a garganta.

— Os meus ossos estão demasiado velhos para este vento. Se não se importarem, vou perguntar a mestra al'Vere se pode preparar-me vinho quente com especiarias para me aquecer. Alcaide. Al'Thor.

Dirigiu-se para a estalagem antes de acabar de falar, e quando a porta balouçou atrás dele, Bran suspirou.

— Às vezes, penso que Nynaeve tem certa razão em... Bem, não importa. Vocês, os novos, reflitam um minuto. Todos estão entusiasmados com o

fogo de artifício, é verdade, e é só um boato. Pensem como todos se sentiriam se o vendedor ambulante não chegasse a tempo, depois de toda a expectativa. E com este tempo, quem sabe quando ele virá. As pessoas ficarão cinquenta vezes mais entusiasmadas com o jogral.

— E ficariam cinquenta vezes mais tristes se ele não tivesse chegado — acrescentou Rand lentamente. — Mesmo o Bel Tine não chegaria para animar a gente.

— Tens a cabeça sobre os ombros quando resolves usá-la — comentou Bran. — Um dia, ele vai suceder-te no Conselho da Aldeia, Tam. Fixa as minhas palavras. Apesar da idade, comporta-se melhor do que alguém que eu sei...

— Nada disso descarrega a carroça — replicou Tam vivamente, entregando a primeira pipa de aguardente ao alcaide. — Quero um lume aconchegante, o meu cachimbo e uma caneca da tua melhor cerveja. — Pôs a segunda pipa de aguardente ao ombro. — Tenho a certeza de que Rand te agradecerá pela tua ajuda, Matrim. Lembra-te, quanto mais depressa a sidra estiver na adega...

Enquanto Tam e Bran desapareciam no interior da estalagem, Rand olhou para o amigo.

— Não és forçado a ajudar. Dav não guardará esse texugo por muito tempo.

— Oh, porque não? — perguntou Mat, resignado. — Como o teu pai disse, quanto mais depressa nos despacharmos na adega... — Pegou num dos barris de sidra e, meio a andar meio a correr, dirigiu-se para a estalagem. — Talvez Egwene esteja por perto. Só de ver-te a olhar para ela, como um boi prestes a ser morto, é tão divertido como a partida com o texugo.

Rand fez uma pausa antes de guardar o seu arco e o carcás na parte traseira da carroça. Tinha conseguido afastar Egwene da cabeça, o que, só por si, era insólito. Contudo, o mais provável era ela estar algures na estalagem. Não tinha muitas hipóteses de evitá-la. Por outro lado, há semanas que não a via.

— Então? — chamou-o Mat da parte dianteira da estalagem. — Eu não disse que ia fazer tudo sozinho. Ainda não te sentas no Conselho da Aldeia.

Com um sobressalto, Rand pegou num barril e seguiu-o. Talvez ela não estivesse na estalagem. Estranhamente, essa eventualidade não o fez sentir-se melhor.